

DÍALOGOS ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA

Tatiana Souza (FURG)

taty100481@gmail.com

Sweder Souza (UTFPR)

swedersouza@gmail.com

RESUMO

O presente artigo objetiva fazer uma síntese teórica sobre as mudanças que ocorreram com a história e que acabaram possibilitando a aproximação entre duas disciplinas: história e literatura. A partir do movimento dos *Annales*, principalmente na terceira geração, e por seguinte, a nova história cultural, considerada por alguns como a quarta geração, sendo esta herdeira dos *Annales*. Assim, a literatura começou a ser reconhecida como fonte na construção do saber histórico, ocorrendo, de certa forma, um entrecruzamento entre ambas.

Palavras-chave: Literatura e história. História da literatura. Literatura histórica.

1. *Introdução: o nascimento da literatura como fonte histórica*

A história, desde o movimento dos *Annales*, fundado por Lucien Febvre e Marc Bloch em 1929, vem sofrendo grandes mudanças e surgimento de novos paradigmas, ou seja, repensando as formas e objetos de estudos para se escrever e estudar a trajetória e as relações sociais dos agentes históricos da sociedade em geral. Considerados os precursores deste movimento e integrantes da primeira geração dos *Annales* (1920-1945) segundo Peter Burke:

Fazer outra história, na expressão usada por Lucien Febvre, era, portanto, menos redescobrir o homem do que, enfim, descobri-lo na plenitude de suas virtualidades, que se inscreviam concretamente em suas realizações históricas. Abre-se, em consequência, o leque de possibilidades do fazer historiográfico, da mesma maneira que se impõe a esse fazer a necessidade de ir buscar junto a outras ciências do homem os conceitos e os instrumentos que permitiriam ao historiador ampliar sua visão do homem. (BURKE, 1991, p. 4)

Assim, a partir deste movimento a história adquiriu novos meios para compreensão do passado. Inicia o processo de interação com outras ciências, interligando novo saberes, novas formas de abordar a história. Partindo deste pressuposto, inicia-se o processo do surgimento de uma nova história que se utiliza de novos objetos e fontes históricas, conforme José Carlos Reis: “[...] essa influência das ciências sociais fez com que a história rompesse com uma longa tradição e se renovasse comple-

1 tamente. [...]” (REIS, 2010, p. 92). A história ao renovar-se não está ne-
2 gando tudo que já foi feito, mas sim lançando um novo olhar sobre o
3 passado, mudando os objetos, criando um problema para eles, fugindo da
4 história narrada.

5 Fernand Braudel sucessor de Lucien Febvre, após sua morte, faz
6 parte da segunda geração dos *Annales* (1946-1968). Para Peter Burke,

7 Para muitas pessoas, a nova história está associada à Lucien Febvre e a
8 Marc Bloch, que fundaram a revista *Annales* em 1929 para divulgar sua abor-
9 dagem, e na geração seguinte, a Fernand Braudel. Na verdade, seria difícil ne-
10 gar a importância do movimento para a renovação da história, liderado por es-
11 ses homens. (BURKE, 1991, p. 17)

12 Fernand Braudel, representante da chamada segunda geração dos
13 *Annales*, assim como Lucien Febvre e Bloch, foi grande contribuinte nas
14 mudanças na forma de pensar a história, com ele surge à história quanti-
15 tativa, privilegiando aspectos econômicos e demográficos. A terceira ge-
16 ração dos *Annales*, iniciada em 1968 e fundada por Jacques Le Goff e
17 Georges Duby, foi um movimento de abrangência de temas, ou seja, a
18 partir desse movimento surgiu à história das mulheres, sendo ela a pri-
19 meira a incluir a mulher como protagonista na história, como afirmou
20 Peter Burke:

21 A terceira geração é a primeira a incluir mulheres, especialmente Christi-
22 ane Klapisch, que trabalhou sobre a história da família na Toscana durante a
23 Idade Média e o Renascimento; Arlette Farge, que estudou o mundo social das
24 ruas de Paris no século XVIII; Mona Ozouf, autora de um estudo muito co-
25 nhecido sobre os festivais durante a Revolução Francesa; e Michèle Perrot,
26 que escreveu sobre a história do trabalho e a história da mulher (Klapisch,
27 1981; Farge, 1987, Ozouf, 1976, Perrot, 1974). Os historiadores anteriores dos
28 *Annales* haviam sido criticados pelas feministas por deixarem a mulher fora
29 da história, ou mais exatamente, por terem perdido a oportunidade de incorpo-
30 rá-la à história de maneira mais integral, já que haviam obviamente mencio-
31 nado as mulheres de tempo em tempo, desde Marguerite de Navarreàs chama-
32 das bruxas. (BURKE, 1991, p. 56)

33 Portanto, a citação acima mostra que a terceira geração dos *Anna-*
34 *les* contribuiu nas construções historiográficas, principalmente, no que
35 tange a história daqueles sujeitos silenciados, que assim como os demais,
36 são portadores de historicidade e fazem parte da sociedade, além disso, a
37 terceira geração preocupou-se em evidenciar a história da vida privada,
38 da sexualidade, da micro-história etc. Todas essas mudanças que ocorre-
39 ram ao longo dos *Annales*, mudanças de paradigmas, discussões, rela-
40 ções com as ciências sociais, possibilitaram para história o surgimento de
41 uma nova vertente histórica, a nova história cultural.

1 A nova história cultural tem como premissa os estudos culturais
2 de todos os sujeitos históricos, isto é, incluindo as massas da sociedade,
3 os ditos excluídos da história. Como já foi exposta anteriormente, desde
4 a terceira geração dos *Annales* a história está resgatando e evidenciando
5 novos atores sociais, novos perante a escrita, pois sempre estiveram e fi-
6 zeram parte da história. A história cultural permitiu a liberdade para o
7 historiador, ou seja, ela possibilita ao historiador recorrer a qualquer tipo
8 de fonte, sejam elas filmes, literatura, diários, imagens, etc., portanto, na
9 história cultural tudo é fonte.

10 Para Sandra Pesavento:

11 Este, talvez, seja um dos aspectos que, contemporaneamente, mais dão
12 visibilidade à história cultural: a renovação das correntes da história e campos
13 de pesquisas, multiplicando o universo temático e os objetos, bem como a uti-
14 lização de uma multiplicidade de novas fontes. Figurando como recortes inu-
15 sitados do real, produzidos por questões renovadoras, a descoberta de docu-
16 mentação, até então não visualizada como aproveitável para história, ou então
17 a revista de velhas fontes iluminadas por novas perguntas. (PESAVENTO,
18 2012, p. 69)

19 Como vemos, a história cultural abriu um leque de novas possibi-
20 lidades de pesquisa, novos objetos, novas fontes, que anteriormente esta-
21 vam ocultas. Atualmente, o historiador tem a liberdade e oportunidade de
22 recuperar os registros do passado seja qual for sua fonte, sempre com o
23 compromisso da verdade, mesmo esta não sendo única e absoluta.

24 A nova corrente historiográfica história cultural, possibilita ao
25 historiador, “[...] decifrar realidade por meio das representações, tentan-
26 do chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os ho-
27 mens se expressaram a si próprio e o mundo” (PESAVENTO, 2012, p.
28 42). Cabe, portanto, ao historiador debruçar-se sobre as fontes e decifrá-
29 las, com todo cuidado, as minúcias, as pistas deixadas pelo homem du-
30 rante sua trajetória no passado. Ao analisarmos uma fonte, independente
31 do seu tipo, deve-se ficar atento aos detalhes, o historiador deve atuar
32 como um detetive atento a todos os aspectos. Esses detalhes serão a ga-
33 rantia do sucesso do historiador, serão eles que vão lhe trazer a verdade
34 sobre o fato pesquisado.

35 Na história cultural, tudo é fonte, e, como diz Sandra Pesavento:
36 “[...] pode ser considerada, hoje, uma história sem fronteiras, com difu-
37 são mundial” (PESAVENTO, 2012, p. 99), de fato essa corrente teórica
38 está aberta a todo o tipo de história, o que lhe permite ser ampla e atingir

1 grande repercussão, atualmente a escrita acadêmica e pesquisas tiveram
2 um aumento significativo, por conta da diversidade de temas.

3 Apesar dessa corrente historiográfica ter cada vez mais conqui-
4 tado historiadores e aumentando o número de escritas e pesquisas, ela,
5 por sua vez, tem que ser utilizada com cuidados e, assim como tem o la-
6 do positivo e traz benefícios para história, possibilitando ao historiador
7 abordar um leque de temas, possui alguns desafios e riscos.

8 De acordo com Sandra Pesavento,

9 [...] o historiador é um viajante no tempo, e neste ponto é que se revela a difi-
10 culdade do acesso aos sentidos do passado. Admitindo que o mundo se apre-
11 sente cifrado, que o simbólico obriga a ver além do que é mostrado e dito, este
12 desvelamento ou descoberta é uma empresa arriscada. (PESAVENTO, 2012,
13 p. 117)

14 Conforme a citação acima, o distanciamento temporal entre o his-
15 toriador e seu objeto se configura em um risco, pois cabe a ele descobri-
16 lo, levantar o véu que oculta a sua fonte, usando de todo o conhecimento
17 e leituras. Além disso, o historiador tem como seu principal desafio, a
18 subjetividade, ou seja, a história cultural incorporou a subjetividade do
19 historiador, assunto que foi muito discutido e anulado na escrita da histó-
20 ria no seu princípio.

21 Contudo, a história cultural possibilita aos historiadores embarca-
22 rem em uma aventura, que apesar da sua liberdade, tem seu rigor, suas
23 exigências, seus métodos, suas teorias, e exige muita leitura e conheci-
24 mento. Essa aventura faz com que a busca constante do conhecimento e a
25 compreensão sobre o passado esteja sempre em renovação.

26 Assim, tentou-se compreender como foi o processo de aproxima-
27 ção da história com outras áreas do conhecimento, através das suas mu-
28 danças de paradigmas e, além disso, o processo que permitiu que a histó-
29 ria, hoje, tenha capacidade de escrever e, pesquisar diferentes temas, in-
30 cluindo outras áreas do conhecimento, como no caso da literatura, para
31 sua reconstrução do passado.

32

33 2. *História fictícia e literatura histórica*

34 Quando falamos em literatura, é praticamente inevitável pensar-
35 mos em ficção, algo que é meramente inventado, que não tem compro-
36 misso com a verdade e pode romper com as fronteiras do real e do ima-
37 ginário. Imaginemos falar que história é ficção, uma afirmação um tanto

1 arriscada para os estudiosos e pesquisadores desta área. Porém, com a
2 história cultural, isso é possível, como afirma Sandra Pesavento: “Tal
3 postura introduz a concepção de outro conceito, que se insere neste novo
4 patamar epistemológico que preside o surgimento da história cultural: o
5 da *ficção*”. (PESAVENTO, 2012, p. 52)

6 Conforme a citação acima, podemos pensar a escrita da história
7 como ficção, o seu discurso é embasado na verdade do passado, mas é
8 algo extraído do seu imaginário, o historiador usa o seu imaginário e sua
9 subjetividade na escrita histórica, isto é, ele se utiliza da ficção.

10 Esta afirmação de que a história produz ficção vem causando em-
11 bates e discussões, sobre a perda da legitimidade da história como ciên-
12 cia.

13 Sandra Pesavento nos diz que

14 Ora, a questão de admitir que a ficção na escrita da história implique
15 aproximá-la da literatura, e para alguns autores, retirar-lhe o conteúdo da ci-
16 ência! A história seria, assim, rebaixada de estatuto, abdicando do seu direito
17 de enunciar a verdade. (PESAVENTO, 2012, p. 52)

18 A história não perderá sua legitimidade perante a ciência, pois
19 continua tendo seu compromisso com a verdade e com os métodos. A
20 narrativa história é muito bem fundamentada com base nas pesquisas rigo-
21 rorosas, muita dedicação e análises profundas dos vestígios do passado.
22 Desta forma, a ficção presente na escrita do historiador não diminui o seu
23 valor como verossímil e como ciência.

24 Para Paul Ricoeur, “[...] pode-se dizer que a ficção é quase histó-
25 rica, tanto quanto a história é quase fictícia” (RICOUER, 2010, p. 325).
26 Portanto, a história e a ficção estão entrecruzadas. A história apresenta os
27 fatos históricos sobre uma análise do passado, e através da escrita trans-
28 mite para o leitor. A sua escrita foi embasada em algo que ocorreu e que
29 foi expressa através das fontes e documentos utilizados pelo historiador.
30 Essa narrativa produzida tem a presença da ficção fazendo com que a
31 história ganhe vida diante dos olhos do leitor.

32

33 **2.1. Ficção histórica**

34 A ficção histórica relata o irreal embasado em fatos históricos, o
35 escritor é fruto do seu tempo e, assim como o historiador, não se afasta
36 da sua subjetividade. Por conta disso, muitas vezes, quando fazemos a

1 leitura de uma obra literária é como se estivéssemos em um determinado
2 lugar do passado, como se, através do irreal, o real emergisse.

3 Conforme Paul Ricoeur, “[...] é porque se parece com aconteci-
4 mentos passados que a ficção parece história” (RICOUER, 2010, p. 325).
5 Então, a ficção, mesmo que não tenha o compromisso com a verdade, é
6 verossimilhante, assim como a história: “[...] história e literatura são
7 formas de dar a conhecer o mundo, mas só a história tem a pretensão de
8 chegar ao real acontecido”. (PESAVENTO, 2012, p. 55)

9 Dessa forma, o compromisso que a história tem, muitas das vezes
10 se compara a veracidade, mas o que ela realmente se propõe a fazer é
11 aproximar-se o máximo possível do acontecido.

12 Na opinião de Sandra Pesavento:

13 Mesmo assim, a expectativa do historiador e, por certo, do leitor de um
14 texto de história, é de encontrar nele algo de verdade com o passado. O dis-
15 curso histórico, portanto, mesmo operando pela verossimilhança e não pela
16 veracidade, produz um efeito de verdade: é uma narrativa que se propõe como
17 verídica e mesmo se substitui ao passado, tomando o seu lugar. (PESAVEN-
18 TO, 2012, p. 55)

19 Todavia, a narrativa histórica produzida sobre os cuidados atentos
20 do historiador, em busca da máxima semelhança com o passado e aten-
21 ção ao reproduzir aquilo que as fontes e documentos dizem, faz com que
22 ele tenha um compromisso maior com o leitor, apesar de não ser possível
23 chegar ao ápice, que é a verdade, ele consegue aproximar-se do verossí-
24 mil. A sua bagagem de leitura e de conhecimento, irão propiciar ao histo-
25 riador uma narrativa histórica com relevância, além de possibilitar cone-
26 xões e intercruzamentos com outras áreas do saber.

27

28 3. *Relação entre história e literatura*

29 A relação entre história e literatura norteou as discussões na histó-
30 ria cultural, de acordo com Sandra Pesavento:

31 Para a história cultural a relação entre história e literatura se resolve no
32 plano epistemológico, mediante a aproximação e distanciamentos, entenden-
33 do-as como diferentes formas de dizer o mundo, que guardam distintas apro-
34 ximações com o real. (PESAVENTO, 2012, p. 80)

35 Conforme a citação acima, as discussões sobre a relação história e
36 literatura tiveram sua solução a partir do plano epistemológico, ou seja,
37 através do conhecimento de ambas e de suas similitudes e discrepâncias,

1 podemos entender quais as formas de aproximação e distanciamentos,
2 sendo elas portadoras de formas diferentes de ver e escrever o mundo.

3 Logo, história e literatura têm em sua configuração diferentes
4 formas de desvendar o mundo, sendo assim, “[...] ambas são formas de
5 explicar o presente, inventar o passado, imaginar o futuro [...]” (PESA-
6 VENTO, 2012, p. 81). Nesse sentido, começamos a elucidar a relevância
7 que a literatura tem para história, sendo ela capaz de explicar o tempo
8 passado de um modo diferente, ao olhar do historiador, porém um olhar
9 lúcido e lúdico para com sua pesquisa.

10 Conforme ensina Sandra Pesavento,

11 Vale-se de estratégias retóricas, estetizando em narrativa os fatos dos
12 quais se propõem falar. São ambas as formas de representar inquietudes e
13 questões que mobilizam os homens de cada época de sua história, e, nesta
14 medida, possuem um público destinatário e leitor. Isso tudo diz respeito às
15 aproximações que unem a história e a literatura. (PESAVENTO, 2012, p. 81)

16 Como podemos ver na citação acima, tanto a história quanto a li-
17 teratura têm suas formas de representar determinadas ações de uma épo-
18 ca, independente de ser presente, passado ou futuro. Cabe ao historiador
19 historicizar a sua fonte, que neste caso é o uso da literatura, sendo capaz
20 de produzir uma escrita histórica fictícia ou uma ficção histórica.

21 Para tal, segundo Sandra Pesavento,

22 Nessa medida, é a história que formula as perguntas e coloca as questões,
23 enquanto a literatura opera como fonte. A literatura ocupa, no caso, a função
24 de traço, que se transforma em documento e que passa a responder às questões
25 formuladas pelo historiador. Não se trata, no caso, de estabelecer uma hierar-
26 quia entre história e a literatura, mas sim precisar o lugar de onde se faz a per-
27 gunta. (PESAVENTO, 2012, p. 82)

28 Portanto, a literatura é utilizada pela história como fonte, é através
29 dela que as respostas para as problemáticas geradas pelo historiador, se-
30 rão esclarecidas, assim, a história projeta as perguntas e a literatura for-
31 nece a resposta.

32

33 **4. Considerações**

34 Quando se coloca a história à frente das questões, não é uma for-
35 ma de criar e limitar o espaço da literatura e sim apresentar o lugar de
36 onde surge a pergunta para o passado. Haja vista que a “[...] literatura é
37 uma fonte realmente especial: ela pode dar ao historiador aquele algo a

1 mais que outras fontes não fornecerão” (PESAVENTO, 2012, p. 82), sua
2 atuação no campo da história é de grande relevância para o historiador,
3 permitindo ao pesquisador um olhar diferenciado, além dos documentos
4 e fontes tradicionais, tirando o olhar do estado de estagnação do historia-
5 dor.

6 Sendo assim, "A literatura permite o acesso à sintonia fina ao cli-
7 ma de uma época, ao modo pela qual as pessoas pensavam o mundo, a si
8 próprias, quais valores que guiavam seus passos, quais os preconceitos,
9 medos e sonhos". (PESAVENTO, 2012, p. 82)

10 Assim, conforme a citação de Sandra Pesavento, a literatura retira
11 o véu dos olhos do historiador. Dessa forma, ela permite que outras for-
12 mas de compreender o passado sejam reveladas. Em busca desta revela-
13 ção, muitas vezes, "o historiador se depara, forçosamente, com a neces-
14 sidade de pensar o estatuto do texto e realizar cruzamentos entre os dois
15 discursos, em suas aproximações e distanciamentos" (PESAVENTO,
16 2012, p. 84), ou seja, quando se utiliza a literatura como fonte, se torna
17 necessário o cruzamento entre a história e a literatura, os dois discursos
18 têm que estar juntos.

19 Pois, para o historiador o que realmente ele busca é o tempo em
20 que a narrativa foi escrita.

21 Por outro lado, a literatura é fonte de si mesma. Ela não fala das coisas
22 ocorridas, não traz nenhuma verdade no acontecimento, seus personagens não
23 existiram, nem mesmo os fatos narrados tiveram existência real. A literatura é
24 testemunho de si própria, portanto o que conta para o historiador não é o tempo
25 da narrativa, mas sim da escrita. Ela é tomada a partir do autor e sua época,
26 o que nos dá pistas sobre a escolha do tema e do enredo, tal como sobre o hori-
27 zonte de expectativas da época. (PESAVENTO, 2012, p. 83)

28 Conforme a citação acima, a literatura, apesar de ser fictícia e não
29 possuir compromisso com o real, através do seu escritor, consegue ex-
30 pressar peculiaridades do período no qual o produtor da narrativa está in-
31 serido, pois, sendo ele fruto do seu tempo e, por seguinte, portador de
32 ideologias, culturas e valores que norteiam sua vida na sociedade e, jun-
33 tamente com sua subjetividade intrínseca, é possível compreender a his-
34 tória a partir da literatura.

35

36 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

37 BURKE, Peter. *A escola dos Annales (1929-1989): a Revolução France-
38 sa da historiografia*. 2. ed. São Paulo: UNESP, 1991.

- 1 PESAVENTO, Sandra. *História & história cultural*. 3. ed. Belo Hori-
- 2 zonte: Autêntica, 2012.
- 3 REIS, José Carlos. *O desafio historiográfico*. Rio de Janeiro: FGV, 2010.
- 4 RICOUER, Paul. *Tempo e narrativa*. São Paulo: WMF Martins Fontes,
- 5 2010.